

Da trajetória acadêmica à gestão do Sistema de Bibliotecas da UFMG: ações para implementação da Agenda 2030 da ONU: entrevista com Wellington Marçal de Carvalho

Wellington Marçal de Carvalho

Bibliotecário. Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa. Diretor da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Gestão 2014-2018.

Anália das Graças Gandini Pontelo

Bibliotecária. Mestra em Administração. Diretora da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Gestão 2014-2018.

Carla Pedrosa

Jornalista da Biblioteca Universitária UFMG, Mestra em Ciência da Informação Universidade Federal de Minas Gerais.

Graduado em Biblioteconomia pela UFMG, mestre e doutor em Letras pela PUC Minas, o bibliotecário Wellington Marçal de Carvalho, atualmente professor da Universidade Federal de Rondônia – UNIR traz, em sua trajetória, a participação ativa em diversos órgãos e instituições públicas, como conselhos, sindicatos e comissões ligadas não só à Biblioteconomia, mas também à defesa dos direitos dos trabalhadores de instituições federais de ensino e a estudos da produção literária africana.

Gestor do Sistema de Bibliotecas da UFMG por dois mandatos — 2013 a 2015 e 2015 a 2017 —, ele buscou trazer, ao longo de sua gestão, todas essas experiências para o aperfeiçoamento dos serviços prestados pela Biblioteca Universitária da UFMG.

Em entrevista à publicação *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas*, Wellington fala sobre sua trajetória acadêmica e profissional, fazendo uma interlocução com o compromisso das bibliotecas na promoção da Agenda 2030 da ONU, tendo em vista a responsabilidade desses locais para a preservação e acesso à cultura e ao patrimônio do mundo.

RBV: Fale sobre sua trajetória como bibliotecário.

Wellington: Eu estudei a graduação na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Eu entrei em 2001, concluí o curso em 2004. Acabei colando grau *ad referendum*, porque eu havia prestado concurso para a carreira de técnico-administrativo em educação, para a própria UFMG, em 2003, e como eu fui aprovado em primeiro lugar, para uma unidade da UFMG que fica no norte de Minas, em Montes Claros, em uma Unidade que se chamava Núcleo de Ciências Agrárias e atualmente é o Instituto de Ciências Agrárias, eu me formei, concluí os requisitos para obter o grau de bacharel em Biblioteconomia uns seis ou sete meses antes da minha turma e imediatamente tomei posse e entrei em exercício na função de bibliotecário naquela Unidade da UFMG, e trabalhei lá por cerca de quatro anos. Eu fui um dos responsáveis pela informatização do acervo dessa biblioteca do Sistema de Bibliotecas da UFMG, que é composto por 25 bibliotecas. Algumas das bibliotecas, naquele momento, nos idos de 2004 e 2005, ainda não tinham passado pelo processo de informatização, e então essa era uma tarefa prioritária. Eu fui treinado, capacitado para isso, e trabalhei cerca de um ano, um ano e meio, para concluir essa importante etapa para o cotidiano da Biblioteca do Núcleo de Ciências Agrárias. Posteriormente, eu fui removido e trabalhei na Biblioteca Universitária, em um dos setores da Biblioteca Universitária na Divisão de Coleções Especiais, especificamente na Coleção Faria Tavares, em que eu era um dos responsáveis pela catalogação do acervo. Trabalhei nesse setor por cerca de dois anos e em seguida fui convidado para trabalhar na Biblioteca da Escola de Música da UFMG, onde trabalhei por quatro anos, sendo responsável também principalmente por catalogar uma parte do acervo bem específica da biblioteca, que eram os CDs de música. Os quatro anos da Biblioteca de Música foram bastante peculiares porque, como é sabido, na área da Biblioteconomia, o processamento técnico do acervo, que é o que compõe prioritariamente e principalmente o acervo da área da música, não é o tradicional livro, monografias etc. Lá, eu diria, a principal parte do acervo são as partituras, e ainda os discos de vinil e demais materiais dessa categoria. E como isso não é um tipo de material com que, penso eu, grande parte

dos bibliotecários trabalha, requer quase que uma nova formação para que você consiga pensar e racionar as práticas cotidianas do processamento técnico adequadas e aplicadas corretamente para essa tipologia documental. Por volta de 2012, no final dos anos 2012 e início de 2013, eu já havia participado de várias outras instâncias colegiadas da Universidade, por exemplo, o Conselho de Diretores, representando os técnicos administrativos da Universidade, tendo sido eleito para algumas outras comissões dentro da Escola de Música ou em outras partes da Universidade, e isso foi me fazendo vislumbrar que seria interessante assumir outro desafio. Então, quando em 2013 se iniciou o processo eleitoral para a diretoria do Sistema de Bibliotecas da Universidade, que é o órgão que coordena tecnicamente as 25 bibliotecas do Sistema, eu e uma colega bibliotecária, àquela época lotada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Anália Gandini Pontelo, nós formamos uma chapa, construímos uma plataforma de trabalho e nos inscrevemos para o pleito. Nós fomos eleitos, e em novembro de 2013 eu assumi o cargo mais importante como bibliotecário da casa na UFMG, que é a direção do Sistema por um período de dois anos. Ao término desse primeiro mandato nós nos recandidatamos e vencemos novamente o pleito e conduzimos o Sistema por mais um período de dois anos. Iniciamos um segundo período à frente do Sistema de 2015 a 2017, e por volta de outubro/novembro de 2017 prestei concurso para docente no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Rondônia, no *Campus* de Porto Velho, e fui aprovado em primeiro lugar no concurso. Então, para minha surpresa, a Federal de Rondônia me nomeou e convocou muito mais rápido do que eu imaginava, e eu tive que decidir por pedir vacância na UFMG depois de aproximadamente 13 anos como bibliotecário da casa e iniciar o processo para tomar posse e entrar em exercício na carreira de docente para o curso de Biblioteconomia, que naquela Instituição funciona no período noturno. Então o primeiro semestre que vou lecionar é o de 2018/1.

RBU: Você acredita que a gestão universitária e a participação na equipe do reitor lhe proporcionaram algum tipo de aprendizado?

Wellington: Eu acredito que administrar uma estrutura complexa como é o Sistema de Bibliotecas da UFMG é uma oportunidade raríssima — e eu digo complexa por vários

motivos, seja pelo número de bibliotecas, que atualmente são 25 ou por sua distribuição geográfica. Então, a maioria delas está no *Campus* da Pampulha, outras em algumas Unidades da UFMG, na cidade de Belo Horizonte, em outros bairros da capital, uma Unidade em Montes Claros, uma Unidade no novo *Campus* Cultural da UFMG, que fica em Tiradentes, Minas Gerais, sem deixar de falar também das bibliotecas que, em alguma medida, são também responsabilidade da UFMG, uma vez que elas estão vinculadas a municípios em que a Universidade oferta curso de educação a distância. Na estrutura desses cursos há um espaço que é denominado biblioteca, então sobre ele também incide a responsabilidade da gestão da Biblioteca Universitária, seja pelo tamanho do quadro de pessoal, desde bolsistas, terceirizados, bibliotecários, assistentes, auxiliares, jornalistas e outros cargos que também compõem a equipe de trabalhadores no Sistema. Também pelos próprios mecanismos que regulam a Universidade, a estrutura normativa do Sistema de Bibliotecas pressupõe atualmente uma diretoria que coordena tecnicamente esse sistema de bibliotecas, mas não pode perder de vista que esse trabalho tem de ser feito em estreita parceria com as respectivas diretorias das diversas unidades acadêmicas da Universidade, uma vez que as bibliotecas que estão localizadas em cada uma das unidades acadêmicas estão subordinadas, para as questões de natureza administrativa, às respectivas diretorias dessas unidades. Logo, gerenciar esse aspecto do Sistema de Bibliotecas exige do profissional bibliotecário também um jogo de cintura e um tato da ciência administrativa para o planejamento e a realização das várias atividades que fazem com que as bibliotecas da Universidade possam cumprir de forma relevante e com qualidade a sua missão, que é atender bem ao público usuário e colaborar efetivamente com a própria missão da Universidade, que é fazer com que o nosso país se desloque dessa situação tão desigual que ele se encontra e contribua efetivamente no desenho de uma outra sociedade. O profissional bibliotecário, sobretudo, não pode se esquecer em nenhum momento do juramento que ele fez quando colou grau, então nós não podemos esquecer que a nossa profissão ela tem — e isso inclusive é juramentado — um cunho social e humanista, e isso não pode fugir do nosso espectro de atuação. Tudo isso para poder dizer que as coisas podem ficar muito mais fáceis em uma estrutura muito diversa e complexa, acho que “complexa” é minha palavra da vez nesta conversa: estrutura diversa e complexa que é a Universidade do

porte da UFMG, da dimensão da UFMG. Se pensarmos que a Universidade é formada por três segmentos — discentes, docentes e técnicos administrativos — nem sempre o convívio, o entrelaçamento entre essas três esferas se dá de uma forma muito harmoniosa e, para a condução administrativa, quanto mais se conseguir desenhar um trabalho em parceria mais fácil ou de forma menos sofrida as realizações poderão acontecer. E quem atua no ambiente de bibliotecas universitárias sabe quão importante é fazer parte da equipe ou do quadro que atua juntamente com a alta administração, com o reitorado, porque isso facilita no diálogo, no convencimento de que determinadas questões são importantes, não só para o setor biblioteca, mas porque aquele é um setor da Universidade que é importante para a própria Universidade. E quando você faz parte da equipe do reitor, como nós fizemos durante o último reitorado do professor Jaime Arturo e da professora Sandra Goulart, você é convidado e convocado para as reuniões de equipe, que se dão em uma periodicidade determinada, e ali você está junto com todas as pró-reitorias e com os pró-reitores, independentemente se são docentes ou técnicos administrativos, mas você está participando dessa alta administração, pautando os assuntos do setor biblioteca, e com isso você consegue ganhar tempo na condução dos processos. Então isso também agregou para a minha trajetória profissional uma ampliação imensa da minha visão e das formas como eu poderia melhor atuar e desenhar caminhos de interlocução em que a biblioteca pudesse sair do espectro que o senso comum espera de uma biblioteca e tentar colocar articulações em outras frentes que às vezes não foram antes sequer pensadas pela Universidade. Eu destacaria apenas uma dessas questões. Esse diálogo de “igual para igual”, assim entre aspas, da biblioteca com outros setores possibilitou, por exemplo, após meses de conversas e reuniões com a Pró-reitoria de Pesquisa, a construção conjunta de um edital pioneiro no nosso país, pelo menos no âmbito das universidades públicas. Esse edital destinou uma quantia orçamentária (sobretudo em uma época em que os recursos estavam cada vez mais contingenciados, que depois avançou para a fase de cortes emanados do governo federal em Brasília), uma dotação financeira para o que nós denominamos, em um edital de chamada interna da Universidade, de criação de um espaço de “Internet das Coisas”, na Biblioteca Central, isso é um bom motivo que justifica o bom uso e o que pode ser feito, caso o setor biblioteca faça parte da alta administração da Universidade.

RBU: O que você leva da gestão universitária para a carreira docente?

Wellington: Esses quatro longos anos dedicados de corpo e alma para administrar da melhor forma possível o Sistema de Bibliotecas da UFMG moldaram a minha cabeça de forma que eu consiga, pelo menos é essa a minha intenção, transitar com os estudantes, os futuros colegas de profissão, bibliotecários, dialogar com os que serão meus alunos de uma forma mais substantiva, porque afinal de contas, ter trabalhado todos esses anos em algumas das bibliotecas da Universidade me propiciou colecionar uma experiência profissional que, em alguma medida, tende a me provocar a conseguir estabelecer com os discentes uma aproximação crítica do que se aprende no espaço da teoria, do que se aprende como teoria em sala de aula e os reflexos ou desdobramentos ou o viés mais realista com que se dá a prática bibliotecária. Eu consigo minimamente falar um pouco da tipologia das bibliotecas universitárias, porque minha trajetória se deu majoritariamente nessas bibliotecas, mas eu diria que isto é válido para quaisquer outros ambientes em que esses futuros profissionais irão trabalhar. E, honestamente, penso que uma coisa seria — e posso estar completamente enganado a esse respeito — ensinar a teoria da catalogação, por exemplo, se eu a conhecesse apenas de forma teórica, não estou dizendo que isso é um demérito, mas outra coisa é me reaproximar dessa teoria tendo como planta baixa, como pano de fundo, os dez anos em que atuei como catalogador na UFMG, uma instituição que é reconhecida nacionalmente também pelo rigor com que ela produz os seus registros bibliográficos, com que ela descreve os itens que compõem o seu acervo. Então eu penso que a abordagem, por exemplo, de uma teoria de uma aula sobre qualquer assunto, mas, por exemplo, sobre padrões de descrição bibliográfica, formato de descrição bibliográfica, formato MARC, pode ser observada com uma certa distância porque eu tenho uma trajetória que considero relevante e que, inclusive, me possibilita e me encoraja no enfrentamento desse novo passo da minha trajetória, como bibliotecário. Um outro aparato que eu considero também bastante pertinente e que sem sombra de dúvida eu carrego para a fase docente é ter, por várias vezes, travado um diálogo bem próximo com outros públicos da nossa vida cotidiana sobre diversos aspectos da nossa área, uma vez que eu tive que assumir com a diretoria várias outras obrigações que vinham no “pacote” de ser diretor do Sistema de Bibliotecas, então eu assumi uma representação do Sistema de Bibliotecas

da UFMG, por exemplo, no Portal de Periódicos da CAPES em Brasília. Nós assumimos, de forma voluntária, após um processo eleitoral, a direção, por um biênio, de uma importante comissão vinculada a nossa Federação de Associações de Bibliotecários, a FEBAB, que é a Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias. Foi a primeira vez que bibliotecários do Sistema de Bibliotecas da UFMG se candidataram para assumir essa tarefa e nós fomos eleitos com uma plataforma de trabalho que conseguimos cumprir noventa por cento dela. Realizamos uma edição do mais importante fórum da tipologia de bibliotecas universitárias, que é o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, que já é um evento bastante consolidado e respeitado na área, e que nunca tinha sido realizado pelo Sistema de Bibliotecas da UFMG, e nós fizemos um evento que na abertura tivemos uma conferência do professor Peter Burke. Um evento com mais de 1.600 bibliotecários de todo o país inscritos, que aconteceu em 2014 em Belo Horizonte, do qual a UFMG colhe frutos até hoje, e penso que continuará colhendo, a julgar pelas avaliações que a comunidade que participou do evento registrou sobre ele. Foi um evento pensado com carinho em todos os aspectos, e isso é uma das facetas de atuação do profissional bibliotecário. Basta que nos lembremos que algumas cadeiras, quando estávamos na condição de graduandos em Biblioteconomia, versavam sobre planejamento de unidades de informação, administração de unidades, organização de eventos e organização de atividades de extensão. Então esse é um aspecto também que me marcou muito, ter presidido a Comissão Organizadora do XVIII do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias.

RBU: Como foi participar da missão da UFMG para prospecção na Guiné-Bissau?

Wellington: Eu continuei sempre estudando. Completei minha graduação em 2004, durante o tempo em que trabalhei na Biblioteca do Núcleo, hoje Instituto de Ciências Agrárias. Nesse período entendi um pouco mais sobre o que a área das Ciências Agrárias exigia de uma biblioteca. E porque eu sempre gostei de estudar, cursei especialização em Recursos Hídricos e Ambientais, defendi uma monografia sobre a bacia hidrográfica do córrego do Maleiro, no município de Sabará, Minas Gerais. Depois, quando estava trabalhando na Biblioteca da Música, fiz o mestrado, como

bolsista da CAPES, na Pontifícia Universidade Católica de Minas, a PUC Minas, sob a orientação da professora Maria Nazareth Soares Fonseca, e naquela oportunidade eu estudei alguns contos do mineiro Guimarães Rosa e de dois escritores angolanos, Luandino Vieira e Boaventura Cardoso, numa perspectiva comparatista. O meu objeto de estudo pretendia investigar como esses escritores, em sua enunciação literária, construíam uma cena em que tinham foco personagens considerados como restos, como dejetos. Depois, quando defendi em 2013, eu já havia feito o processo seletivo e já comecei o doutorado em literaturas africanas, daí estudei parte da obra de dois escritores da Guiné-Bissau, na África: Odete Semedo e Abdulai Sila, e defendi uma tese — também naquele Programa, sob a orientação da mesma professora Nazareth e também como bolsista da CAPES — de que os textos literários desses escritores, por retomar alguns aspectos da memória, poderiam funcionar como um exemplo do que o historiador francês Pierre Nora denomina de “lugares de memória”, e se aceitarmos esses textos nessa perspectiva, o projeto literário desses escritores contribuiria para que entendêssemos um pouco como que se agenciava a formação de um sentimento de uma nação guineense. Resumidamente, essa é a minha formação acadêmica, inserção acadêmica no campo das africanidades, que se deu pela PUC Minas, mas em diálogo com a UFMG, e isso fez com que nós começássemos a atuar na diretoria do Sistema. Falo “nós” porque aí já foi um ato da diretoria, então Wellington, e da vice-diretora Anália, em parceria com alguns Centros de Estudos Internacionais da Diretoria de Relações Internacionais da UFMG, e um desses centros foi o Centro de Estudos Africanos, Nós percebemos, tanto pelos meus estudos na PUC como pelo conhecimento razoável de parte do acervo do Sistema de Bibliotecas da Universidade, que havia uma dificuldade para aquisição de acervos de alguns espaços do mundo, e se esses acervos fossem produzidos por africanos e somente encontrados por comerciantes no continente africano, o grau de dificuldade tendia a se elevar, então isso nos provocou muito, e vimos que aí estava um ponto de atenção e nós, em conjunto com a coordenação do Centro de Estudos Africanos e com a anuência do reitorado, porque como eu disse nós fizemos parte da equipe do reitor, então as questões eram mais fáceis de ser conversadas nesse patamar, começamos a investigar percursos, possibilidades de conseguir adquirir esse acervo da mesma forma com que a Universidade consegue, já ao longo de todos os

anos, adquirir acervo de qualquer outro espaço do mundo. E isso nos deu um trabalho imenso, porque todas as formas que tentávamos, elas acabavam não dando certo, e, por fim, depois de dois anos tentando um caminho, tentando outro, sempre respeitando a legislação pertinente para aquisição de acervo bibliográfico, nós conseguimos fazer um projeto piloto de adquirir um montante de cerca de 200 títulos de editoras ou de distribuidores de Moçambique. Esses livros demoraram quase um ano para chegar aqui, mas chegaram e hoje estão catalogados na Divisão de Coleções Especiais, e nós pudemos então aprender com essa experiência, que foi bastante inovadora, e replicar com os devidos ajustes para outras nações africanas. O mesmo foi feito com Angola, com Guiné-Bissau e assim sucessivamente, esse trabalho cotidiano com essa vertente da internacionalização da Universidade, tomando como piloto a coordenação do Centro de Estudos Africanos, na figura principalmente da professora Vanicléia Silva Santos, e penso eu, aliado ao trabalho que eu havia desenvolvido na PUC Minas sob a orientação da professora Nazareth, sobre a literatura dos países africanos ex-colônias de Portugal, me fez observar um edital universal, mas interno da Universidade para propostas de missões internacionais. Eu então escrevi uma proposta para Guiné-Bissau, porque ao longo desse trabalho nós observamos que a Universidade ainda não havia formalizado nenhum tipo de acordo de cooperação mútua no espectro dos países africanos de língua portuguesa, com a nação guineense, e eu vislumbrei que talvez fosse essa uma oportunidade de fazer isso pelo viés da Biblioteconomia, e então fui convidado pela coordenação do Centro de Estudos Africanos e juntos nós formamos um missão de prospecção à Guiné e visitamos a Guiné-Bissau, fomos para o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa na capital, que é Bissau. Fomos recebidos pelo então diretor e havia um plano de trabalho para aquela semana e de lá saímos com excelentes frutos de uma parceria sul-sul, o que muito me deixou feliz, assim como uma atuação, por ser um profissional bibliotecário. Um dos desdobramentos dessa missão foi a realização de um seminário internacional, que teve a sua primeira edição aqui no Brasil, na UFMG, em Belo Horizonte, que recebeu uma delegação expressiva de guineenses, que resultou na construção de um projeto de mestrado interinstitucional pela CAPES, que já está às portas de iniciar, uma parceria também para a coprodução de bibliografia. Dessa forma foi criada uma série intitulada “Estudos Africanos da UFMG” e já foram lançados oito

ou nove livros em parceria com Guiné-Bissau. Também foi realizada uma parceria com uma editora privada guineense, a primeira editora privada daquele país, que é de um escritor que eu estudei, o Abdulai Sila. Então esse contato que eu tive por meio da minha tese foi muito importante para isso também. E, também nessa mesma linha, a Biblioteca Nacional de Guiné-Bissau foi pensada no escopo da missão de prospecção, por Guiné-Bissau ter passado até recentemente por intensos conflitos, eu diria uma série de golpes, golpes sobre golpes. Como os guineenses dizem, eles vivem em uma fase de transição permanente e a Biblioteca Nacional foi algumas vezes bombardeada, e então o Termo de Acordo também prevê o intercâmbio, a parceria no aspecto biblioteconômico de auxílio mútuo, porque certamente a UFMG, o Sistema de Bibliotecas da UFMG, também tem muito a aprender com a equipe da Biblioteca do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa o INEP da Guiné-Bissau.

RBU: Como foi sua experiência na participação sindical e como você a relaciona com a Agenda 2030, que é o tema de nossa revista?

Wellington: Eu fiz parte por dois períodos da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Instituições Federais de Ensino, o Sindifes, que tem um trabalho bastante consolidado nas instituições que formam a sua base: UFMG, UFVJM, Cefet- MG e IFMG. Por conta da minha própria trajetória, principalmente o tempo em que eu trabalhei em Montes Claros e depois comecei a trabalhar aqui na Biblioteca Universitária, na Divisão de Coleções Especiais, eu por algumas peculiaridades na minha trajetória profissional, porque eu já fui exonerado e fui reintegrado, pelo Conselho Universitário da Universidade, eu acabei adquirindo uma experiência que me ajudou a entender um pouco os mecanismos nefastos do que se denomina como assédio moral e isso, essa experiência não muito boa que eu vivi na pele, ela acabou também me fazendo maduro para poder integrar também esse outro campo de atuação da vida universitária, que é feito por membros de sua comunidade que estão nos movimentos reivindicatórios, no movimento sindical. Então eu fui parte da diretoria eleita do sindicato e era responsável, nós fazíamos de tudo lá, mas eu era responsável mais diretamente pela pasta de Comunicação Sindical, e isso fez com que depois eu me

candidatasse para ser representante dos técnicos administrativos no Conselho Diretores da UFMG. Lá nós revertemos processos bastante complicados, em que era possível que se demonstrassem outras interpretações sobre os processos que avocavam aquela instância de decisão superior da Universidade. também acabei como fruto dessa semente de gestão sindical me candidatando também para o órgão máximo de decisão colegiada da Universidade, que é o Conselho Universitário. E essa trajetória me capacitou para poder fazer um uso responsável daquele espaço de representação da categoria dos técnicos administrativos, mas pensando que aquele espaço é de construção dos melhores rumos da Universidade, e é interessante que alguém do quadro técnico-administrativo participe e tenha consciência nesses fóruns. E, particularmente, sendo e não sendo corporativista, é primordial também que seja um bibliotecário, porque isso está no nosso campo de atuação sindical. De uma forma direta, eu penso que coisas dessa natureza podem ser atreladas às intensas discussões que têm sido feitas nesses últimos dois anos, principalmente, sobre a Agenda 2030 das Nações Unidas, inclusive com um engajamento profundo da IFLA. E são vários os pontos da Agenda 2030 em que eu vislumbro e tenho trabalhado numa exequível interlocução entre o fazer da biblioteca e os pontos previstos na Agenda que, como todos sabem, pretendem com seus 17 objetivos uma alternativa de desenvolvimento sustentável para os povos. Há trabalhos e materiais importantes que têm sido feitos pela IFLA em conjunto com a Federação de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições – FEBAB. A Federação tem realizado várias atividades para dar ampla publicidade sobre essa temática e também sensibilizar e provocar o engajamento de mais colegas bibliotecários. No âmbito do Sistema de Bibliotecas da UFMG, uma das ações nesse sentido foi ver com alegria no escopo da chamada deste número da *Revista Biblioteca Universitária* este tema, que pretende costurar as discussões dos vários trabalhos que serão publicados, mas se observarmos a cartilha que foi produzida pela IFLA não há como não concordarmos que as bibliotecas apoiam, como está dito lá todos os objetivos do desenvolvimento sustentável, os 17 objetivos. E lá estão destacadas algumas ações, que eu vou por hora mencionar apenas a responsabilidade das bibliotecas no ato de preservar e proporcionar o acesso à cultura e ao patrimônio do mundo, na promoção da inclusão digital por meio das TICs, porque nós tendemos a pensar que por estar atuando

numa universidade como a UFMG que esse assunto já está superado, porque o nosso acesso à internet se dá de uma forma, mas não é bem assim. Basta andarmos um pouco pelo nosso Estado que vamos ver que há muito ainda a ser feito nesse quesito, e que a responsabilidade do bibliotecário também é conclamada para mitigar esses desníveis da nossa sociedade. Por fim, penso que quando vier a público o próximo número da *Revista* com essa temática central, mesmo que com outros trabalhos, a Biblioteconomia também estará oferecendo mais um elemento para um processo em curso, que ainda vai levar muito tempo para emancipação social no nosso país.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

CARVALHO, Wellington Marçal de. Da trajetória acadêmica à gestão do Sistema de Bibliotecas da UFMG: passos e ações condizentes com a Agenda 2030 da ONU. Entrevista concedida à Anália das Graças Gandini Pontelo e Carla Pedrosa. *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 59-72, jan./jun. 2017.